

Armadilha Anfiteatro a SSM

VISITAS IMPERIAIS
Visconde de Indaialta

CMP 2.1.1.4.13
Anfitriões de Soberanos

Os dias frios do inverno se agitavam com a notícia da vinda de Suas Majestades, ~~a Campinas~~, percorrendo, pela segunda vez, cidades da província de São Paulo. Ainda era bem lembrada a visita do imperador, então muito jovem, em 1846, quando outras cidades concorreram com Campinas, ^{que} o recebeu com fausto, festividades e incontido entusiasmo, marcando suas homenagens, em especial, com os torneios da cavallhada luxuosa e intrépida, numa realização da mocidade cheia de garbo, e que agora, nesta segunda visita, recordava com saudades todos os lances da graciosidade e da desenvoltura cavalheiresca dos torneios históricos.

Dom Pedro II não era mais o moço de vinte anos; estava para atingir meio século de sua útil, bondosa e sábia existência. Com a esposa de quatro anos mais de idade que o marido, formava um par circunspecto, que soube sempre conservar suas qualidades democráticas e uma profunda bondade de coração.

Mas eram as Majestades Imperiais; e os campinenses de agora, não desejariam deslustrar a fama de dedicados e generosos anfitriões, conquistadas ha três décadas por eles e por seus pais e avós. Desenvolveram-se, então, os projetos e aprestos, com a suficiente antecedência para recepção condigna.

Fundamental era a escolha do prédio que, pelos dias de permanência de Suas Majestades, iria servir de paço. E como paço significa "palácio real", em Portugal os sobrados que acolhiam visita real, passavam-se a chamar paço; e se em nosso país houvesse sido seguido este hábito, Campinas ainda poderia, até hoje, contar com três paços, um magnificamente conservado, e ^{outro} dois, mal conservado, um e deturpado outro.

4
Para a visita de 1875, o sobrado de Felisberto Pinto Tavares que havia sido paço em 1846, já não era o melhor da cidade, suplantado pelo sobrado da rua Direita (hoje Barão de Jaguará, canto da General Osório), este ainda sem a concorrência dos palácios, o dos Azulejos e o dos Alves, ambos da década de oitenta. E a escolha recaiu, com justiça, no sobrado da rua Barão de Jaguará, então propriedade do Comendador Joaquim Bonifácio do Amaral, que havia sido construído, com início em 1846, por ~~Dona~~ Teresa Miquelina do Amaral Pompeu, senhora do Engenho de Sete Quedas, viúva de Antônio Pompeu de Camargo e sucessora de seu pai José Rodrigues Ferraz do Amaral, fundador deste engenho que ~~Dona~~ ^{Miquelina} Teresa foi transformando gradativamente em fazenda de café.

Desde o primeiro período que teve Campinas, o de influência do açúcar como já classificamos (1), surgiram as residências rurais de grande porte, de vastas salas e mobiliário custoso, seguidas, com o ciclo do café, das residências urbanas de imponência e nobre aspecto, mudados os hábitos das famílias que, de permanente residência nos sobrados dos engenhos e com pequenas casas na vila para as festas religiosas, passaram à vida urbana, com menor permanência na propriedade rural.

Maiores exigências de conforto, estudos mais extensos e adiantados para os filhos, teriam sido fator inicial desta transformação, seguida, após, por mais intensa vida social, política ou cultural, com atração para as casas residenciais da cidade, de famílias em ascensão de riquezas, que se integravam em costumes de apuramento e requintes de sociabilidade.

Curioso, porém, que a viúva ~~Dona~~ Teresa Miquelina do Amaral Pompeu, cujo marido Antônio Pompeu de Camargo falecera em 1836, cuidou de construir seu sobrado na cidade, mesmo antes de ter sua sede nobre em terras do engenho. Para tanto, dispôs de vasto terreno com frente para a rua de Cima (depois Direita e hoje Barão de Jaguará), esquina da rua das Casinhas (hoje General Osório) nesta ocupando integralmente a quadra (fig. 1).

Foi em 1846 que ~~Dona~~ ^{Miquelina} Teresa fez iniciar as taipas de seu sobrado, que não estaria ainda terminado em 1849, quando se casou

5
sua filha, a futura Viscondessa de Indaiatuba, com os atos sacramen-
tais e festas no sobrado de Felisberto Pinto Tavares. Era o sobrado
de ~~Deza~~ Teresa ^{Miquelina} uma vasta residência com grandes salões e numerosos cô-
modos, circundada sua fachada, ao nível do andar superior, por saca-
da com gradil rendado e medalhão central de iniciais do nome da pro-
prietária (fig. 2). Por morte de ~~Deza Teresa~~ ^{esta proprietária}, passou o sobrado à fi-
lha e a seu irmão e genro, os Viscondes de Indaiatuba.

Joaquim Bonifácio do Amaral se casou com a sobrinha,
~~Deza~~ Ana Guilhermina Pompeu do Amaral, filha de ~~Deza~~ Teresa Miqueli-
na, de quem devia ter herdado, integralmente ou em parte, o sobrado
e a fazenda. Nesta fazenda, Joaquim Bonifácio construiu um palácio,
apondo em sua porta principal as três iniciais do seu nome (figs. 3, 4
e 5). ~~Exz~~ É o belíssimo palácio até hoje conservado, adornado de pre-
cioso parque florestal que se abre em gramados extensos de encantador
efeito. O prédio é vasto, de dois andares, um corpo central avançado
com porta principal de entrada, de verga em semi-círculo, ladeada
por seis janelas de vergas retas; no andar superior, sete sacadas
com gradis e também de vergas retas. Dois corpos laterais, de facha-
das recuadas, têm, cada um, cinco janelas de vergas retas no andar
superior e uma porta no andar térreo.

Assim, escolhido Joaquim Bonifácio para hospedar Suas
Majestades, ele poderia oferecer dois paços magníficos para a Corte
itinerante, e tratou de adorná-lo, como mereciam os hóspedes majestá-
ticos. O da cidade, onde estariam em permanência os Imperadores, re-
cebeu especial decoração, tudo vindo da França que era a ditadora
dos requintes sociais, da moda, do mobiliário, das tapeçarias, dos
adornos, das alfaias, das baixelas, dos cristais. E Joaquim Bonifá-
cio, na cidade opulenta de Campinas cujo comércio transacionava di-
retamente com a Europa e dela recebia, sem interferência mesmo das
capitais da província ou do país, o que importava de luxo, Joaquim
Bonifácio não teve óbices para trazer da França mobiliário luxuoso,
tapetes de Aubusson, porcelanas de Sèvres e de Limoges, cristais de
Baccarat, e tanto mais para que Dom Pedro, em seu diário, registras-
se sua impressão, de "casa do Joaquim Bonifácio excelentemente prepa-
rada" (2).

6

Neste sobrado, agora paço, Suas Majestades, em vinte e cinco de agosto de 1875 (3), iniciaram sua hospedagem com almoço pelas onze horas e trinta minutos. No mesmo dia, Dom Pedro fez várias visitas pela cidade, à Santa Casa, ao Colégio Culto à Ciência, ao Colégio Florence, ao Colégio Internacional, ao Colégio Perseverança, às indústrias dos Irmãos Bierrenbach, e a indústria do Sampaio Peixoto, galardoando esta última com o título de "Imperial Olaria", que dava o direito de estampar as armas imperiais em seus produtos, e à Catedral extasiando-se com a magnífica obra de talha nua.

Depois do jantar, participou o Imperador o seu desejo de receber a visita de Joaquim Correia de Melo. Foi um desapontamento geral, pois ninguém sabia quem era esse homem, estabelecendo-se assim, um ambiente de inquietação até que um dos presentes, teve um "estalo" de memória, e comunicou: Joaquim Correia de Melo era o Quinzinho da Botica que todos conheciam e estimavam. Era o farmacêutico, tão modesto e carinhoso, que atendia ricos e pobres, sendo para estes o bom que os aliviava nas mais angustiosas provações com moléstias de crianças e adultos.

Campinas então ficou sabendo que o seu Quinzinho da botica, era um sábio conhecido na Europa, já com renome mundial, e que certa vez, estando em Paris um estadista brasileiro, na Academia de Ciências, um dos acadêmicos fez referências a "um sábio brasileiro muito distinto, o Senhor Correia de Melo"; e como o estadista brasileiro afirmasse não conhecê-lo, continuou o acadêmico: "como? mas ele é de sua província" (4). Dom Pedro II registrou o seu prazer em conhecê-lo e quiz mais uma visita sua, na noite seguinte, e lhe prometeu, de presente, uma excelente obra de botânica, a "Flora de Martius". Depois, o jornal, O Constitucional de trinta de outubro de 1875, noticiou: "Joaquim Correia de Melo se acha de posse de magnífica obra (figs. 6) compilada em latim pelo Dr. C. F. P. Martius (5), constando de mais de trinta volumes concernentes à flora americana e da qual S. M. o Imperador fez presente ao Sr. Correia de Melo". Compõem-se a obra de trinta e nove volumes e é carinhosamente conservada na biblioteca do Instituto Agrônomo de Campinas; *seu autor é Carlos Frederico Filipe von Martius.*

Dia 26, pela manhã, Sua Majestade deixou seu paço e,

7
depois de uma visita à Matriz Nova, seguiu para a fazenda Sete Quedas onde almoçou. O almoço foi servido em baixela de porcelana francesa, cujas peças estavam gravadas com o nome da fazenda, "Sete Quedas". Na comitiva imperial, durante o almoço, previu-se a concessão de baronato ao anfitrião, sugerindo alguém para esta concessão, o título de Barão de Sete Quedas, que não foi aproveitado, instituindo-se o de Barão de Indaiatuba, concedido em 16 de fevereiro de 1876. Depois do almoço, do elegante paço sede da fazenda, Sua Majestade continuou a viagem e as observações de interesse do seu império, e voltou a Campinas para o jantar.

Após o jantar, recepção com a nova presença solicitada de Correia de Melo, presentes mais, a Baronesa de Campinas (depois Viscondessa) (6), o Barão de Três Rios (depois Marquês) (7), o Barão de Atibaia (8) e outros, para, no dia seguinte, visitar o Imperador as estradas de ferro em construção, Paulista e Mojiana, pernoitando em Moji Mirim, em casa de José Guedes de Sousa, futuro Barão de Pirapitingui (9), e voltar a Campinas para o almoço e retorno à capital.

A 14 de setembro de 1878 (10), nova visita de Suas Majestades recebeu Campinas. Foi hospedeiro imperial o mesmo Joaquim Bonifácio do Amaral, agora Barão de Indaiatuba pelo decreto de 16 de fevereiro de 1876. Tendo o Imperador um objetivo especial pelo desenvolvimento das comunicações ferroviárias, já no mesmo dia de sua chegada, após o almoço, seguiu em visita às estradas de ferro em construção. Dom Pedro regressou a Campinas no dia 17; visitou a cidade, voltou à Matriz Nova com observação demorada de suas primorosas obras de talha, e referências a seu bondoso anfitrião nestas duas visitas; concedeu-lhe nova distinção, elevando-o a Visconde de Indaiatuba pelo decreto de 19 de julho de 1879 (11).

O VISCONDE DE INDAIATUBA

Foi pela metade do século dezenove que Joaquim Bonifácio do Amaral, futuro Visconde de Indaiatuba, iniciou seus trabalhos para a vinda do braço livre europeu, para a sua fazenda Sete Quedas, em Campinas.

Trinta e oito anos antes da Lei Áurea, já este preclaro paulista punha em execução medida altamente benéfica ao país, intensamente caridosa, de elevada visão econômico-social, e acauteladora de uma crise inevitável que se faria sentir com a abolição radical em um só ato com se fêz. Se em 1852 cogitassem os nossos governos de seguir as medidas tomadas pelo Visconde de Indaiatuba, de adoptá-las e de promover uma abolição paulatina, ter-se-ia poupado o escravo liberto mais cedo, adestrando-o para trabalho livre, evitando a depressão econômica ocasionada pelo treze de maio.

O Visconde foi em Campinas o pioneiro da colonização européia de nossa lavoura; este homem teve seguidores (12) mas foi o primeiro a provar, em Campinas, a excelência do braço livre, o valor social da imigração que viria extinguir a escravatura, em normalidade de evolução econômica condizente com os interesses nacionais e harmônica com o sentimento brasileiro. (fig 7)

Não se exaltou, ainda, como merece, a ação do Visconde de Indaiatuba que, no ambiente particular dos seus negócios, aventurou-se à uma modalidade de trabalho agrícola, humana, prudente e esclarecida, não apenas como realização particular, mas que poderia ter constituído um patriótico e sábio programa de governo ministerial.

Já haveria, como hoje vemos entre políticos, por receio, uma subordinação de interesses coletivos a interesses eleitorais; um temor do político em abraçar a causa da libertação e desgostar cabos e eleitores, sacrificando a coletividade para não reduzir seu eleitorado. E não escaparam desta debilidade, o partido e propagandistas republicanos.

A esplêndida fazenda Sete Quedas do Visconde de Indaiatuba, ex-engenho de açúcar, acolheu as primeiras famílias de imigrantes europeus; foi o palco das primeiras lutas de adaptação e o ambiente de fixação que se consolidou dando o exemplo para futuras levadas imigratórias que vieram permitir a ampliação dos trabalhos para alargamento da cultura do café, que, ainda com escravos, partiu de Campinas e Itu, e com o braço livre conquistou a maior parte do solo paulista de produção agrícola.

Fundou o Visconde a primeira colônia estrangeira em

9
sua fazenda Sete Quedas, em 1852; com seguidores, o braço livre entrou em Campinas para não mais sair, e para se estender avolumando as corrente imigratórias, em 1870 subvencionadas pelo Governo e em franco desenvolvimento.

Era o Visconde um homem culto e batalhador. Lavrador de berço como filho e neto de lavradores, na agricultura mostrou sua inteligência e capacidade de direção, assim como em chefia política e de administração pública. E o seu Memorando sobre o início de sua colonização desde 1852, demonstra seu saber e sua visão de homem prático e bem orientado, não só na guerra que sofreu das autoridades alemãs e de seus representantes no Brasil, como no seu triunfo que tanto trabalho e tanto sofrimento lhe custou. Foi este Memorando publicado em 1952, do qual transcrevemos:

"Desde 1852, iniciei a colonização na minha fazenda Sete Quedas, neste município, com braços estrangeiros alemães, sem ter um pé de café.

Colonizar, portanto, em tais condições, não era por certo contar-se com bons auspícios.

Porém, por isso mesmo, me é grato recordar e afirmar que, em conjuntura tão precária, aquele ensaio de colonização foi coroado pelos mais felizes resultados.

Mas, então, não havia cônsul aqui.

Nesse tempo adotei o contrato de parceria, que era em voga.

Esta espécie, mais que outra qualquer, requer a maior confiança do colono, porque este, depois da colheita, perde toda a fiscalização, durante o benefício do café, e só meses depois receberá o produto líquido do seu trabalho.

Não obstante, devo dizer que com aquele ensaio tirei a prova da exceleência da colonização, quer em relação ao interesse do fazendeiro, quer no tocante à felicidade dos colonos.

No primeiro ano, lutei com dificuldades, porque pouco trabalharam e fizeram exigências repetidas e algumas delas inatendíveis.

Isso, porém, era devido à desconfiança que todos e de todas as procedências trazem e só perdem depois que conhecem o

o fazendeiro, findo o tirocínio do primeiro ano.

O fato, pois, não me arrefeceu: a realidade, pelo contrário, confortou-me, e eu felicitei o meu país, julgando o seu futuro econômico preso àquela mesma cadeia de felicidade que experimentei.

De todos esses colonos não sei de algum que deixasse de sair da colônia, findos os contratos, sem, um, dois, três e quatro contos de reis. Com esses bons recursos, tornaram-se na maior parte lavradores, outros proprietários e outros negociantes: todos felizes, sendo de notar-se que alguns deles, depois que saíra, propuseram-se a voltar, e outros vieram a instar comigo para receber suas sobras a juro módico.

Às prevenções de princípio sucedeu-se a mais plena cordialidade, a mais ilimitada confiança.

Em 1870, depois que preparei cafezais para recebê-los em maior escala, tentei a recolonização, apoiado nas recomendações escritas que aqueles antigos colonos espontaneamente ofereceram, e fui à Europa, ao norte da Alemanha, Holstein.

Encontrei toda facilidade da parte dos colonos, devida aos créditos da minha primeira colônia.

Trouxe duzentos estrangeiros, e não mais por causa da quadra climatérica que esta província atravessava.

Em 1873 pedi nova remessa deles e a mesmíssima facilidade encontrei nos trabalhadores do campo.

Porém os obstáculos e as medidas violentas do governo alemão, ao ponto de fazerem voltar para suas casas imigrantes já embarcados nas estradas de ferro, impediram a vinda dos que foram pedidos.

Com essa falta, consideráveis prejuízos sofri, sendo um deles o proveniente da compra de algumas dezenas de escravos para salvar os cafezais de uma fazenda, comprada na cidade de Amparo em fins de 1873, onde não havia braços de qualquer espécie.

Decorreram os anos de 74 e 75.

Em novembro de 1876, não podendo mais contar com os colo-

14
nos de Holstein, recolhi dez famílias, vindas de Blumenau, que se ofereceram, e, em virtude de suas instâncias, foram contratadas por meu diretor.

Em Dezembro do mesmo ano atirei minhas vistas para o Tirol, e para isso auxiliei-me da empresa de Joaquim Caetano Pinto Júnior & Cia.

Em meado de 1877, recebi mais ou menos cinquenta lombardos, contratados na capital desta província.

Em 31 de Agosto e 27 de Setembro do mesmo ano, recebi mais cerca de trezentos e cinquenta tirolezes, em famílias grandes e laboriosas.

Até que chegassem à colônia, tive de vencer dificuldades opostas, na corte e na capital desta província por falsos amigos dos colonos, cuja intervenção só atribui à propaganda fomentada pelos governos estrangeiros, por meio de seus representantes no Brasil" (13).

Foi o Barão João Tiago von Tshudi, de 1860 a 1866, ministro da Suíça no Brasil, com especial missão de visitar as fazendas que haviam recebido imigrantes europeus. Esteve em Campinas e, das várias fazendas que visitou, anotou cuidadosa referência à propriedade de Joaquim Bonifácio do Amaral, afirmando:

" A fazenda Sete Quedas possui uma colônia verdadeiramente modelar. Todas as famílias, provenientes do Holstein, já tinham satisfeito seus compromissos anos atrás e trabalhavam sob o regime de participação da safra. Todos estavam satisfeitos, o que explica terem renovado seus contratos de parceria. Suas casas eram agradáveis, tanto pelo aspecto que revelava conforto e limpeza, como pela situação. Cada família possuía de 8 a 10 suínos, algumas vacas e, quase sempre, um cavalo. Cultivavam muitos produtos agrícolas, mormente batatas, que vendiam em Campinas; fabricavam manteiga e queijo; e cultivavam a apicultura. Um deles possuía 118 colméias, de construção muito simples, mas extremamente eficientes. Mas nem por isso negligenciaram o cafezal, que se encontrava em ótimas condições". "Sete Quedas é a mais evidente prova da grande vantagem que o sistema de parceria oferece aos colonos" (14).

De amistosas relações com o Imperador Dom Pedro II, hospedou-o por duas vezes, e à Imperatriz, anotando Sua Majestade, em seu diário de viagem, ter visitado a "Fazenda 7 quedas. Vi as casas dos colonos. Parecem prosperar, sistema de parceria. Conversa longa com Joaquim Bonifácio do Amaral sobre a colônia. Ele sustenta acerrimamente esse sistema. As máquinas Lidgerwod para café estão muito bem montadas e são movidas pela água do ribeirão 7 quedas. Almoço" (15).

Liberal, teve o Visconde destacada atuação, a começar pelo movimento de 1842, achando-se, com seu irmão Carlos, no combate de Venda Grande, já incluído no rol dos responsáveis, como Antônio Manuel Teixeira, Reginaldo ^{Antonio} de Moraes Sales, os irmãos Teixeira Nogueira e outros, aos quais se ligava por idealismo político e amizade pessoal, além de uma atuação brilhante e permanente na política liberal da província, tornando-se chefe prestigioso em Campinas.

À participação política, se acresceu a participação na vida econômica de Campinas. Ocupou cargos públicos de relevo nos âmbitos municipal e provincial, cooperando ativamente em cometimentos de riqueza e progresso, como fundação de estradas de ferro, de entidades de melhoramentos da cidade, do Colégio Culto à Ciência de tão destacado valor na história campinense, da construção da Catedral, compondo, ainda, o corpo de colaboradores ativos da imprensa da cidade, em altas indagações de elevado valor para Campinas.

Filho de José Rodrigues Ferraz do Amaral e de ~~Rosa~~ Ana Matilde de Almeida Pacheco, nasceu o Visconde em Campinas onde foi batizado:

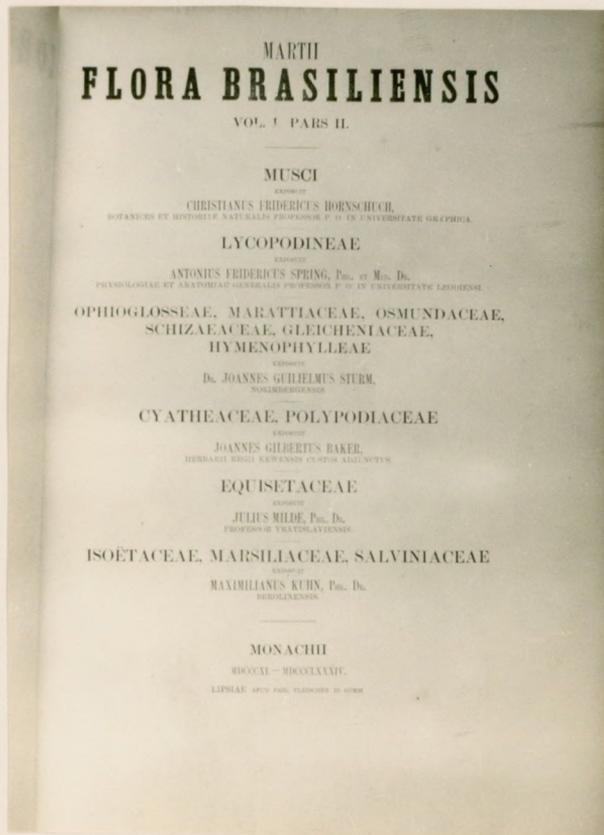
"Joaquim - Aos dez de setembro de mil oitocentos e quinze, nesta Matriz de São Carlos, batizou e poz os Santos Óleos o Reverendo Coadjutor Jacinto José Pereira, a Joaquim, de oito dias filho do Tenente José Rodrigues Ferraz do Amaral e de sua mulher Dona Ana Matilde Pacheco de Almeida: padrinhos Pedro Domingues e Dona Maria, filhos solteiros do Capitão Antônio de Almeida Leite fregueses de Itu e os mais desta freguesia" (a) O Vigário Joaquim José Gomes (16).

Casou-se o Visconde em Campinas, na capela do sobrado de Felisberto Pinto Tavares, a 24 de junho de 1839, com sua so-

13
brinha ~~Dona~~ Ana Guillermina do Amaral Pompeu, Viscondessa de Indaiatuba (fig 8), filha de Antônio Pompeu de Camargo e de ~~Souza~~ Teresa Miquelina do Amaral, estes casados a 28 de dezembro de 1823 (17). Recebeu o Visconde a comenda de Cavaleiro e Oficial da Ordem da Rosa, e os títulos de Barão e Visconde de Indaiatuba. Faleceu em sua cidade natal a 6 de novembro de 1884, e a Viscondessa em São Paulo a 7 de dezembro de 1897. Foram seus filhos (18):

1. Alberto Pompeu do Amaral, falecido solteiro, com vinte anos.
2. ~~Dona~~ Elisma Pompeu do Amaral, casada com Antônio Egídio de Sousa Aranha, filho da Viscondessa de Campinas.
3. ~~Dona~~ Otília Pompeu do Amaral, falecida solteira.
4. ~~Dona~~ Ismênia Pompeu do Amaral, falecida solteira.
5. ~~Dona~~ Olívia Pompeu do Amaral, falecida solteira.
6. Otaviano Pompeu do Amaral, casado, com geração.
7. Urbano Pompeu do Amaral, falecido solteiro.
8. ~~Dona~~ Júlia Pompeu do Amaral, falecida solteira.
9. Fausto Pompeu do Amaral, falecido solteiro.
10. ~~Dona~~ Albertina Pompeu do Amaral, falecida solteira.
11. ~~Dona~~ Gessi Pompeu do Amaral, casada com Augusto de Sousa Queirós, filho dos Barões de Sousa Queirós.

Descendia o Visconde de velha gente paulista, cujos antepassados de apelidos Amaral e Gurgel, estavam estabelecidos em São Paulo desde o século dezessete, vindos do Rio de Janeiro. E ~~já~~, ~~mes, agora,~~ pela genealogia, buscar ^{mos} seus mais remotos antepassados Gurgel e Amaral, com especial procura sobre a origem do primeiro, ~~o~~ seu signo heráldico, e relato de vida de alguns que compõem sua ascendência e colaterais.



Folha de rosto da Flora Brasiliensis

Foto do autor

★ FIGURA 7

O Visconde de Indaiatuba - tela de E. Viancin, Paris, 1876,
coleção de Alfredo Pompeu do Anaral.

FIGURA 8

leitura de ingressos sobre o ter-
torio de Campinas, e dar q
rida quantia.

S. Paulo 4 de Março de 1886

Viscondessa de Fredaiotuba

Autógrafo

Foto do autor

O PAÇO IMPERIAL DE 1875 E 1878



Residência dos Visconde de Indaiatuba.

